

A MAIS BARULHENTA DAS CIDADES:

a experiência urbana de Câmara Cascudo na Natal de 1940

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

MADRUGA, Natália Melchuna

Doutora; Pós-graduação em arquitetura e urbanismo/UFRN

natalia.mmadruga@gmail.com

RESUMO

Neste artigo a cidade de Natal, Capital do Rio Grande do Norte, da década de 1940 será estudada por meio dos sons, barulhos e ruídos urbanos. Adotando a perspectiva da história cultural urbana e mais especificamente com o olhar para as sensibilidades mobilizadas nas crônicas de jornais, nas crônicas de Luís da Câmara Cascudo publicadas na coluna “Acta Diurna”, pretende-se investigar a sonoridade em formação na cidade e sua relação com os ideais de progresso e modernidade. Nas primeiras décadas do século XX, Natal passou por intensas transformações urbanas e sociais, vinculadas aos processos de modernização. Nesse contexto, as crônicas de Cascudo constituem uma fonte privilegiada para compreender as percepções e experiências cotidianas diante dessas mudanças. A discussão demonstra que os ruídos urbanos, para além de sua associação com o progresso e a modernidade, revelam as tensões entre o imaginário de uma cidade moderna e a experiência vivida de uma cidade ainda em processo de adaptação a essas transformações

Palavras-chave: sons urbanos; história cultural urbana; crônicas; modernização urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes the city of Natal in the 1940s through its sounds, noises, and urban soundscape. Grounded in the perspective of urban cultural history, and more specifically focusing on the sensibilities mobilized in newspaper chronicles, particularly those written by Luís da Câmara Cascudo and published in the column Acta Diurna, this study investigates the acoustic environment in formation in the city and its relationship with the ideals of progress and modernity. In the early decades of the twentieth century, Natal went through intense urban and social transformations associated to modernization processes. In this context, Cascudo's chronicles constitute a source for understanding everyday perceptions and experiences in the face of these changes. The discussion demonstrates that urban noises, beyond their association with progress and modernity, reveal the tensions between the imagined modern city and the lived experience of a city still adapting to these transformations.

Key-words: Urban sounds; Urban cultural history; Chronicles; Urban modernization.

RESUMEN

Este artículo analiza la ciudad de Natal en la década de 1940 a partir de sus sonidos, ruidos y paisaje sonoro urbano. Desde la perspectiva de la historia cultural urbana, y más específicamente con atención a las sensibilidades movilizadas en las crónicas periodísticas, en particular las escritas por Luís da Câmara Cascudo y publicadas en la columna Acta Diurna, se propone investigar la acústica en formación en la ciudad y su relación con los ideales de progreso y modernidad. En las primeras décadas del siglo XX, Natal experimentó intensas transformaciones urbanas y sociales vinculadas a los procesos de modernización. En este contexto, las crónicas de Cascudo constituyen una fuente privilegiada para comprender las percepciones y experiencias cotidianas frente a estos cambios. La discusión demuestra que los ruidos urbanos, más allá de su asociación con el progreso y la modernidad, revelan las tensiones entre el imaginario de una ciudad moderna y la experiencia vivida de una ciudad aún en proceso de adaptación a estas transformaciones.

Palabras clave: Sonidos urbanos; historia cultural urbana; crónicas; modernización urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Os barulhos urbanos, muitas vezes percebidos como incômodos, resultam de diversos fatores, entre eles a urbanização, o crescimento das cidades, a introdução de novas tecnologias e a intensificação da vida urbana. Em Natal da década de 1940, uma cidade ainda pequena, mas que estava passando por um intenso período de transformações urbanas, os ruídos eram frequentemente temas das crônicas de Luís da Câmara Cascudo. Em uma delas, o escritor afirma: “Natal está se tornando uma das cidades mais barulhentas que conheço. Barulho desnecessário, barulho por exibição, barulho que é vida, mocidade, alegria de movimento, ebriedade de juventude, de otimismo, de expressão (Cascudo, 1943b).

As transformações urbanas que contribuíram para tornar a cidade mais barulhenta inseriram-se em um contexto mais amplo, de escala mundial, associado à modernidade. Esse período foi marcado por profundas mudanças econômicas, culturais e estruturais que impactaram diversos aspectos da vida social, especialmente os modos de viver e experimentar o espaço urbano.

Era por esses processos que a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, estado do Nordeste brasileiro, estava passando quando Cascudo escreveu seu texto. Processo que foi intensificado principalmente na década de 1940, em razão da participação do Brasil em apoio aos aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Natal, por sua posição estratégica no continente americano, se tornou base aérea estadunidense entre 1942 e 1945.

Em decorrência desse acontecimento, a população da cidade praticamente dobrou, ultrapassando os 100 mil habitantes em 1950. Os limites urbanos expandiram-se para conectar o centro de Natal à base aérea localizada no município vizinho. Ao mesmo tempo, foram feitas novas obras de infraestrutura para receber os visitantes estrangeiros, e o comércio foi aquecido pela circulação de moeda e produtos norte-americanos na cidade.

Essas transformações contribuíram para acelerar o desenvolvimento urbano e social de Natal. Contudo, o processo de modernização da cidade já vinha se delineando desde as primeiras décadas do século XX, quando iniciativas modernizadoras articularam projetos e reformas arquitetônicas e urbanísticas voltadas à consolidação de Natal como centro político e econômico do estado.

PENSAR FORA DO EIXO

Desde o início desses processos de modernização, Natal possuía uma elite intelectual e política que apoiava e incentivava reformas e mudanças sociais e estruturais na cidade. Tratava-se de um grupo que teve contato com grandes centros urbanos em processo de modernização e que utilizava espaços de comunicação, como os jornais, para publicar textos nos quais defendiam reformas modernizadoras e opinavam sobre as transformações que vivenciavam em seu cotidiano.

Esses registros literários, como os de Luís da Câmara Cascudo, citado anteriormente, possibilitam acessar, em certa medida, como era vivenciar esse espaço urbano marcado por novidades. Em seus textos, os autores registravam percepções e sentimentos associados a essas transformações, expressando expectativas, frustrações e diversas sensações diante das mudanças que marcavam o ambiente urbano. Ao olharmos para esses registros literários como representações do passado, é possível entender sensibilidades e imaginários urbanos de outras épocas.

Nesse sentido, as crônicas de Cascudo oferecem um registro das transformações vividas em Natal em meados do século XX e de como a população se relacionava com elas. A partir dos textos, é possível observar como o barulho urbano passou a ser percebido e interpretado em meio a modernização da cidade.

Este artigo aborda os sons, ruídos e barulhos de uma cidade que vivia intensamente o processo de modernização ao longo do século XX. Trata-se de analisar, por meio das crônicas de Luís da Câmara Cascudo, a acústica que se formava em Natal e como esses barulhos estavam, ou não, associados à ideia de progresso e modernidade na década de 1940.

Esta pesquisa apoia-se na abordagem teórico-metodológica da história cultural urbana, buscando identificar, na literatura de Luís da Câmara Cascudo, a sonoridade que se formou em Natal durante a década de 1940 e, a partir disso, compreender a relação entre barulho e modernidade. Para tanto, o primeiro tópico do artigo apresenta uma breve revisão teórica sobre história cultural urbana e as sensibilidades. Em seguida, discute-se a atuação de Cascudo e o contexto urbano de Natal na década de 1940, a fim de contextualizar os textos analisados. Por fim, analisa-se as crônicas do autor, buscando identificar os elementos que nos indicam como ele se relacionava com os barulhos da cidade e como isso se associava com o ideal de modernidade da época.

1 OS SONS, OS SENTIDOS E A HISTÓRIA DA CIDADE

Um lugar pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, como sua morfologia, aspectos ambientais, arquitetura e dinâmica social e econômica. Neste artigo, propõe-se analisar a história da cidade de Natal por meio dos seus sons, utilizando a literatura como fonte de investigação. Desse modo, parte-se da análise de Yi-Fu Tuan (1980), que defende que “um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos” (Tuan, 1980, p.12), o que permite considerar que os sons que ouvimos, e como os interpretamos, podem ser um elemento que nos dá pistas sobre os processos históricos e culturais de um espaço, oferecendo novos meios de apreensão e interpretação do urbano.

Como explica Juliana Simili et al. (2023), ainda que os sons possam ser mensurados por meio de instrumentos e analisados a partir dos diferentes níveis de intensidade e de incômodo, eles também podem ser estudados por outra perspectiva, considerando que “eles carregam em si camadas de cultura e expressão de uma sociedade e época” (Simili et al., 2023, p.4). Desse modo, entende-se que cada lugar e cada período histórico têm seus sons, que se transformam de acordo com os processos urbanos e sociais. Sendo assim, ao abordarmos esses sons, e o modo como foram sentidos e interpretados pelas pessoas, é também possível mobilizar memórias e experiências de contexto urbanos distintos.

Para isso, esta pesquisa apoia-se na história cultural urbana, entendida por ser uma abordagem historiográfica que busca apreender os acontecimentos do passado das cidades a partir de como foram narrados, isto é, mediante as representações. Quando se trata dos sentidos, como é o caso da audição, podemos falar em sensibilidades, que é uma das chaves de interpretação da história cultural. As sensibilidades são encontradas por meio dessas representações e são relativas às experiências sensíveis do indivíduo no meio, ou como explica a historiadora Sandra Pesavento “uma relação originária dos homens com a realidade, expressa por sensações e pela percepção, que, de forma individual e partilhada, implicam a tradução da experiência humana no mundo” (Pesavento, 2012, p.128).

As representações que nos ajudam a acessar essas sensibilidades do passado, podem ser mobilizadas em diferentes meios. Como diz Adrián Gorelik (2009), a história cultural urbana se abre para todos os registros que possam nos falar sobre as cidades. Sendo assim, para este

PENSAR FORA DO EIXO

trabalho, optou-se por utilizar a literatura como fonte para essas sensibilidades e, mais especificamente, o gênero da crônica. As sensibilidades podem manifestar-se de maneira direta ou por meio de relatos de experiências e vivências, em que conseguimos interpretar os sentidos que estão por trás da narrativa. As crônicas, por sua vez, por serem um gênero literário escrito em primeira pessoa e que tem o cotidiano como um dos principais temas, tornam-se adequadas para essa investigação.

Como aqui utilizaremos as crônicas do escritor Luís Câmara Cascudo publicadas durante a década de 1940, busca-se identificar, nos textos selecionados, os eventos sonoros, como os sons, barulhos e ruídos, para interpretá-los dentro do contexto do processo de modernização urbana pelo qual Natal estava passando na época e que implicava na inserção de novidades na cidade e novas práticas sociais.

2 AS CRÔNICAS DE CÂMARA CASCUDO COMO FONTE PARA A NATAL DO SÉCULO XX

Para identificar os sons urbanos de Natal na década de 1940, recorreu-se às Crônicas de Câmara Cascudo. Câmara Cascudo foi um intelectual reconhecido no Brasil e fora dele, possui uma vasta produção, tanto em temas de estudo quanto no meio de publicação, descrito no próprio livro “História da Cidade de Natal” como “Folclorista, historiador, crítico literário, biógrafo, romancista, jornalista, antropólogo, poeta, musicólogo, orador, etnógrafo, professor, humanista, poliglota, pertenceu a todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil” (Cascudo, 1998, p.36).

Entre seus múltiplos ofícios e publicações, para este trabalho, optou-se por consultar as crônicas publicadas na coluna “Acta Diurna”, que estreou no final da década de 1930 no jornal “A República” e posteriormente no “O Diário de Natal” em 1947. A escolha de restringir a pesquisa às crônicas dessa coluna deve-se, em primeiro lugar, ao próprio gênero literário. As crônicas caracterizam-se por serem textos curtos, voltados para questões do cotidiano, geralmente escritos em primeira pessoa, nos quais o cronista dispõe de maior liberdade para compartilhar suas experiências e percepções. Por essa razão, constituem uma rica fonte para a análise das experiências urbanas, permitindo acessar os imaginários e sensibilidades de uma determinada época.

Especificamente, a coluna *Acta Diurna*, como explicada por Cascudo, é como “uma Acta Diurna que recorda o pensamento que presidiu meu dia. Fixo a minha impressão diária sobre o livro, uma figura ou um episódio, atual ou antigo” (Cascudo, 1943a). Nela, o cronista publicava textos quase

PENSAR FORA DO EIXO

diariamente, abordando um amplo campo de interesses, que incluía temas como a história da cidade, os monumentos de Natal, personalidades conhecidas, indicações, e suas vivências.

Para esta pesquisa, o acesso às crônicas da *Acta Diurna* se deu por dois principais meios: Acervo documental do Arquivo do Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O arquivo do Instituto Ludovicus conta com 1.139 crônicas que se inserem no recorte temporal desta pesquisa. Entre elas, buscou-se, pelos títulos, aquelas em que tratavam da experiência urbana do autor em Natal da década de 1940, e mais especificamente, que indicassem tratar de temas como sons, barulhos, ruídos, silêncio.

Desse modo, foram selecionadas cinco crônicas: “Continuaremos na zona surda?”, publicada em abril de 1940; “Toque de sino” de agosto de 1940; “Direito ao silêncio”, publicada em janeiro de 1942; “Barulho não é documento”, de agosto de 1943; e “Natal, cidade do barulho”, de março de 1948. A partir da leitura desses textos, busca-se identificar os eventos sonoros aos quais o autor se refere, tais como buzinas de automóveis, noticiários em rádios e alto-falantes, o trânsito, os bondes sobre trilhos e festas com música, entre outros.

Esse levantamento, articulado à pesquisa histórico-documental sobre a contextualização da cidade no período, permitirá comentar sobre os barulhos urbanos de Natal, bem como compreender de que modo esses eventos sonoros se relacionavam com os ideais de progresso e modernização.

3 MODERNIDADE BARULHENTA

A cidade de Natal, nas primeiras décadas do século XX, entrou em um ciclo de reformas modernizadoras que transformaram significativamente seu espaço urbano e os hábitos da população. Foram realizadas intervenções como a abertura e o alargamento de ruas, o ajardinamento de praças e a implementação de medidas voltadas a tornar o espaço urbano mais circular e salubre. Novas tecnologias passaram a integrar o cotidiano, como a implantação de bondes elétricos, a iluminação pública e as redes de alto-falantes que difundiam informações. Posteriormente, na década de 1940, instalou-se na capital a primeira emissora de rádio do estado. Essas mudanças aqueceram a vida pública e social da cidade, juntamente com a reforma do teatro, a chegada de cinemas, cafés e bailes em clubes.

Esse projeto de cidade e vida social fez parte de um processo que iniciou na Europa e se difundiu por várias cidades do mundo, impulsionado pelo avanço tecnológico e econômico, que facilitou a

PENSAR FORA DO EIXO

circulação de pessoas, ideias e modelos urbanos. No Brasil, uma das primeiras experiências desse tipo ocorreu no Rio de Janeiro, durante a gestão de Pereira Passos (1902–1906), quando foram implementadas reformas urbanas que buscavam alinhar a capital cederal da época aos padrões da cidade moderna, inspirados principalmente nas reformas urbanas que ocorreram em Paris no século XIX. A partir daí, diferentes cidades brasileiras passaram, em maior ou menor medida, a incorporar e adaptar esses modelos de modernização urbana.

Como mencionado anteriormente, a cidade de Natal também se inseriu nesse processo de modernização no início do século XX, mais especificamente durante o governo de Alberto Maranhão, em 1900. Esse processo se prolongou ao longo das primeiras décadas do século XX, intensificando-se na década de 1940, quando Natal passou a servir como base aérea norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, as transformações sociais e urbanas foram aceleradas, tanto para atender às novas demandas impostas pela guerra quanto em função da presença de estrangeiros na cidade.

É nesse contexto que Luís da Câmara Cascudo escreve para a coluna *Acta Diurna*, na qual publicou uma ampla variedade de textos, entre eles, aqueles em que registrava sua experiência urbana na cidade que se modernizava. Neles, o autor registra, a partir de uma perspectiva sensível, as transformações do cotidiano urbano, evidenciando tanto aspectos com os quais concordava, mudanças que ainda queria presenciar, quanto o que lhe causava incômodo, como é o caso do aumento dos ruídos urbanos, tornando Natal uma cidade barulhenta.

A crônica “Continuaremos na zona surda?”, publicada em 1940 por Câmara Cascudo, é um dos primeiros registros, entre as fontes selecionadas para este trabalho, em que o tema central é um objeto sonoro: o rádio, ou, mais precisamente, a ausência de uma emissora radiofônica no Rio Grande do Norte. O que chama atenção no texto é o fato de Cascudo apontar que a inexistência de uma emissora em funcionamento no estado representava um obstáculo ao desenvolvimento das cidades e um prejuízo para a população:

Rádio é o sinal dos tempos modernos, a informação, o aviso, o roteiro, o dirigente. Em meia hora ele poderá, sacudindo para longe a voz de um técnico, evitar a propagação duma epidemia ou tranquilizar a população. Dará minutos de orgulho na evocação de alegria no comentário do presente. O Rádio será força espiritual em serviço da Unidade, irradiando, numa interdependência diária, informes de todos, para todos os municípios (Cascudo, 1940a).

Além disso, o autor insere o rádio entre os elementos indicativos de progresso tecnológico, sugerindo que, nesse aspecto, Natal se encontrava em uma posição de atraso:

PENSAR FORA DO EIXO

Não há menor atuação cultural. Toda produção artística está dormindo de tédio. As músicas não transpõem as fronteiras. Os conjuntos locais, daqui e de muitas cidades nossas, não se conhecem e não os conhecemos. Mas existem. São como águas represadas num deserto, inúteis na imobilidade (Cascudo, 1940a).

Já a crônica “Toques de sino” (1940b), volta-se para o passado, para a Natal colonial, quando os sons dos sinos das igrejas integravam o cotidiano da cidade. No texto, o autor descreve as diversas funções desses toques, associados a práticas religiosas, marcações do tempo e acontecimentos, evidenciando sua importância na organização da vida urbana:

Há uns oitenta anos, Natal ouvia sinos o dia inteiro. O sino era o alto falante, avisador das horas de solidariedade cristã e social. Além de finados, batizados, repique-de-anjo, chamada-de-missa, chamada-de-irmandade, o sino possuía outros apelos (Cascudo, 1940b).

Ao rememorar esses sons, Cascudo sugere que se tratava de uma tradição que havia se perdido ou se transformado ao longo do tempo. Então, desse modo, os sinos constantes no dia a dia da cidade passam a ser associados a uma experiência urbana anterior, não vinculada à modernidade.

Em 1942, já no período em que Natal está servindo de base aérea norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial, as crônicas em que o tema central são os eventos sonoros mudam a perspectiva. A partir de então, as crônicas começam a demonstrar a frustração com a paisagem sonora que está se formando em Natal.

A primeira crônica desse contexto é de janeiro de 1942 e chama-se “O Direito ao Silêncio”, em que o autor já apresenta indícios das mudanças nos sentidos atribuídos aos sons da modernidade. Logo no início do texto, o autor destaca que diversos países possuíam legislações voltadas ao controle do ruído, dizendo que legislação é essencial em razão dos malefícios de viver em um local barulhento. Segundo seus relatos sobre Natal, “Impossível é dispor do silêncio alheio, da tranquilidade do próximo, atacando ferozmente por meio de um rádio espalhador de sambas ou noticiário da guerra, através de crônicas reconstituições das cenas” (Cascudo, 1942).

Então, o rádio, que dois anos antes parecia um símbolo de progresso e modernização, sendo uma necessidade para o estado, agora aparece como um elemento que gera incômodo, e seu uso deve ser regulamentado principalmente durante a noite. Esses desafios da cidade, que cresce, progride e se moderniza ficam evidentes na última frase do texto em que o cronista fala “Natal já possui 60.000 habitantes. Está pedindo a “Legislação do Silêncio” (Cascudo, 1942).

Na crônica “Barulho não é documento”, publicada em 1943, o autor também apresenta comparações entre Natal e outras cidades do mundo, mas como um modo de defender o argumento

PENSAR FORA DO EIXO

que não necessariamente o progresso deve ser associado ao barulho. Logo no início do texto, o autor afirma que “Automóveis, bondes e rádios estão fazendo do Natal uma das cidades mais barulhentas do Brasil” (Casculo, 1943b), o que poderia ser interpretado como um sinal de progresso. No entanto, em seguida, Casculo problematiza essa visão ao demonstrar que, na cidade se faz uso inadequado desses elementos: “o barulho dos motores, o uso inadequado das buzinas, os rádios com amplificação escancarada, os bondes guinchantes” (Casculo, 1943b), que, segundo ele, indicariam barbárie em vez de progresso e civilidade. Nesse sentido, o cronista sugere que é possível viver em uma cidade moderna e civilizada sem ter que lidar com os incômodos barulhos.

Por fim, na crônica “Natal, cidade do barulho”, publicada em 1948, Casculo traz novamente a discussão sobre o crescimento urbano e a necessidade de medidas mitigadoras dos barulhos incômodos. Porém, ele aponta que Natal assimilou só “os piores vícios” das cidades grandes, entre eles “o ruído dispensável” e a “hipertensão sonora”. Mais uma vez, Casculo associa esse problema à falta de uma legislação reguladora dos ruídos urbanos, demonstrando que, em Natal os mais perturbadores são o trânsito e rádio.

De modo irônico, o cronista descreve sua experiência cotidiana em uma cidade em processo de modernização:

Os bondes natalenses são instrumentos modernos de medir a resistência nervosa das criaturas insensíveis. Os motores representam, com precisão matemática, as cenas de bombardeamento rítmico da Sicília (...) os rádios particulares também são moderníssimos. O volume é perceptível na ilha do Disko ou nas solidões geladas do Alaska. (...) Delícia... não há como uma cidade civilizada. (Casculo, 1948)

Nesse sentido, o barulho aparece não apenas como um resultado do processo de modernização, associado à introdução de novas tecnologias e aos avanços nos meios de transporte e comunicação, mas também como evidência das contradições desse processo. O autor, por meio das suas crônicas, demonstra a mudança entre uma cidade colonial, com seus toques de sinos, e a cidade em processo de modernização, a qual acusticamente é marcada por motores, buzinas, bondes e noticiários da rádio.

Por meio desses textos, o autor revela de certa maneira a frustração diante dessa experiência de modernidade, pois percebe que apenas a incorporação desses elementos, não garante que a cidade irá atingir o ideal de progresso e modernidade desejado. Nesse sentido, aponta a necessidade de medidas educadoras e reguladoras que tornem mais agradável o viver urbano.

PENSAR FORA DO EIXO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas de Luís da Câmara Cascudo analisadas neste trabalho se apresentaram como um modo de compreender o processo da modernização urbana por meio dos sons. Em seus textos, Cascudo mobiliza desde uma cidade do passado, em que a paisagem sonora era predominantemente marcada pelos toques dos sinos das igrejas, até um presente no qual Natal está se tornando, segundo ele, a mais barulhenta cidade, com o constante soar das buzinas, rádios e motores.

A partir disso, discute-se o que seria uma cidade moderna e civilizada. Pois, em um primeiro momento, a incorporação de tecnologias como automóveis, bondes, rádios e alto-falantes poderia ser interpretada como expressão do progresso. Porém, no caso de Natal, uma cidade que ainda estava se adaptando às novidades, evidencia-se que o uso inadequado e a ausência de regulação desses elementos, se tornam sinal de barbárie.

Sendo assim, percebe-se o tensionamento entre uma modernidade idealizada e a modernidade vivida. Os sons do espaço urbano, muitas vezes percebidos como incômodos, são sim parte da modernidade, por serem resultados das transformações e desenvolvimento técnico e industrial. Como explica Carlos Fortuna (2018) em seu estudo, a história social do ruído está diretamente ligada ao contexto da cidade moderna, pois as “cidades passam a ser dominadas pelas sonoridades metálicas e os motores que substituíram e mesmo eliminaram o conjunto variado de sons predominantes de origem mecânica, humana e animal da cidade pré-industrial”. Então, as crônicas de Cascudo demonstram não apenas a formação da paisagem sonora de Natal, mas também os desafios de viver nessa “nova” cidade, e a quebra de expectativas em relação ao que se desejou.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece ao Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCUrb), ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU/UFRN) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio institucional e pela concessão da bolsa de doutorado. Agradece, ainda, ao Arquivo do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, em especial a Daliana Cascudo, pelo acesso ao acervo e pela disponibilização do material pesquisado. O artigo dialoga, ainda, com os achados da tese de doutorado da autora, que discute a obra literária de Luís da Câmara Cascudo.

PENSAR FORA DO EIXO

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. Continuaremos na zona surda? **A República**, Natal, 19 abril 1940a.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Toque de sino. **A República**, Natal, 22 agosto 1940b.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Direito ao silêncio. **A República**, Natal, 11 janeiro 1942.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Que quer dizer “Acta Diurna?”. **A República**, Natal, 3 ago. 1943a.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Barulho não é documento. **A República**, Natal, 24 ago. 1943.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Natal, Cidade do Barulho. **O Diário de Natal**, Natal, 13 de março de 1948.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da Cidade de Natal**. Natal: Sebo Vermelho/ Pousada Itacoatiara, 1998
- FORTUNA, Carlos. **A naturalização do estranhamento: o caso do ruído urbano**. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 10., 2018, Covilhã. *Anais [...] Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo*. Covilhã: Associação Portuguesa de Sociologia, 2018.
- GORELIK, Adrián. **Cultura urbana sob novas perspectivas**. Entrevista de Ana Castro e Joana Mello. *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 84, p. 235-249, 2009
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012
- SIMILI, J. ; JACQUES, F. M. T. ; ALMEIDA, B. P. ; SOUZA, L. A. ; VIEIRA, J. C. S. **Paisagem sonora histórica: os sons nos jornais como fonte de registro cotidiano das cidades**. In: XX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ENANPUR, 2023, Belém. *Anais do XX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ENANPUR*, 2023.
- TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.